

AUTOR: Karen Franklin

ORIENTADOR: Prof. Dr. Jayme Paviani

NÍVEL: Doutorado em Filosofia

INSTITUIÇÃO: Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul

ANO DA DEFESA: 2004

TÍTULO: Os conceitos de *Doxa* e *Episteme* como determinação ética em Platão

RESUMO

Ao tratar dos conceitos de *doxa* e *episteme* na obra de Platão, tem-se de levar em conta uma evolução desses termos, no que se refere a sua precisão terminológica. Pode-se assinalar que nos primeiros diálogos esses termos apresentam certas nuances terminológicas que não correspondem, precisamente, ao compreendido no diálogo da *República*. Nesses primeiros diálogos, *doxa* e *episteme* estão sempre mesclados a outros conceitos e só podem ser definidos a partir da relação dialética entre eles. Isso faz com que tais conceitos se modifiquem durante o primeiro período da obra platônica. Nos primeiros diálogos, compreende-se *doxa* como simples opinião. O termo grego encerra a significação de uma certa noção de julgamento e sentimento, no sentido de resolução e decisão parcial, baseada unicamente nos dados presentes. Isso implica que *doxa* é compreendida como um certo juízo subjetivo que tem valor apenas momentâneo, um juízo que não poderá ser referência ética, pois tem presente a possibilidade da falsidade das crenças que suportam a ação. Sob a mesma perspectiva, nesses primeiros diálogos, *episteme* é vista como uma *techné*, uma habilidade para fazer algo, um tipo de saber que tem seu suporte no conhecimento especializado e preciso da coisa. Essa noção de *episteme* intrinsecamente ligada à *techné* também aparece no início do diálogo *Górgias* como sinônimo de *didaskaliké*, mas que logo é abandonado por

Platão pela proximidade com a arte de Górgias. Esse fato assinala a preocupação crescente em Platão em ajustar os termos dentro de uma precisa terminologia. No diálogo *República*, esses termos adquirem uma nova delimitação e, apesar de serem considerados radicalmente opostos, mantêm entre si uma relação intrinsecamente necessária. *Doxa* na *República* é reafirmada como simples opinião, mas se distancia de *episteme*, no que concerne ao valor do conhecimento. Aqui *episteme*, como conhecimento da realidade das coisas, manifesta-se como diretamente ligado à Idéia do bem, no sentido de esta garantir a veracidade do conhecimento. Portanto, na *República* o termo *episteme*, que antes suportava a possibilidade de ser habilidade para algo, agora adquire o conteúdo de saber pleno de certeza, um saber evidente que está ligado diretamente com a realidade da Idéia. Com isso, *episteme*, na *República*, configura-se como conhecimento verdadeiro diame-tralmente afastado de *doxa*, que se configura como simples opinião. Apesar disso, tanto no *Górgias* como na *República*, surge o problema da *doxa* verdadeira como possibilidade de se manter a ação devida sem a precisão conceitual que a suporta. Isso implica que, em alguma instância da relação entre epistemologia e ética, é possível considerar a ação sob o ponto de vista de uma *doxa* verdadeira, mas isso não significa que esse tipo de saber poderá tornar-se fundamento ético em Platão.

O problema da determinação de tais conceitos está ligado ao estabelecimento das questões éticas que aparecem nos primeiros diálogos até a *República* e que não se mantêm, da mesma forma, até o diálogo

as *Leis*. Com isso, podemos notar que tais diálogos sustentam a estruturação ética do pensamento de Platão e tornam possíveis a abordagem das questões nos diálogos posteriores.

Palavras-chave: Platão, doxa, episteme.